



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

JOALISON DE SOUSA COSTA

AS VELHAS BENZEDEIRAS/REZADEIRAS CACIMBENSES

GUARABIRA-PB

2018

JOALISON DE SOUSA COSTA

AS VELHAS BENZEDEIRAS/REZADEIRAS CACIMBENSES

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura em História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciatura em História.
Área de concentração: História

Orientadora: Prof^a. Dra. Edna Maria Nóbrega
Araújo

GUARABIRA-PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837v Costa, Joalison de Sousa.
As velhas benzedadeiras/rezadeiras cacimbenses
[manuscrito] / Joalison de Sousa Costa. - 2018.
29 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
*Orientação : Profa. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo ,
Coordenação do Curso de História - CH.*
1. Mulher. 2. Benzedadeiras. 3. Rezadeiras. 4. Memória. I.
Titulo

21. ed. CDD 242.7

JOALISON DE SOUSA COSTA

AS VELHAS BENZEDEIRAS/REZADIRAS CACIMBENSES

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura em História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciatura em História.
Área de concentração: História

Orientadora: Prof^ª. Dra. Edna Maria Nóbrega
Araújo

Aprovada em: 29/11/2018.

BANCA EXAMINADORA

Edna Maria Nóbrega Araújo
Prof^ª. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Joedna Reis de Meneses
Prof^ª. Dra. Joedna Reis de Meneses (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

[Assinatura]

Ao Deus a qual eu acredito, a minha família pelas palavras de motivação a minha princesa Clarice Maria e em especial ao meu amigo e companheiro que sempre esteve comigo me orientando e me motivando, Edmilson Nunes de Oliveira. Dedico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela saúde para que eu pudesse concluir todas minhas vivências na vida acadêmica e profissional.

À Profª Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, obrigado pela dedicação, paciência e calma que me transmitiu ao longo da escrita.

Ao meu pai João Batista Francisco da Costa, minha mãe Jovana de Sousa Costa e meus irmãos Joabson de Sousa, Rafael de Sousa e Rafaela de Sousa.

Meu amigo e companheiro, Edmilson Nunes e minha sobrinha Clarice Maria que sempre me motivaram e tem sido minha inspiração para continuar trilhando sempre no melhor caminho.

As entrevistadas que fizeram parte desta escrita, Isabel Miranda da Conceição, Isabel Maria da Conceição, Maria das Neves de Oliveira e Joalice Ferreira de Lima, sou grato pelos momentos de diálogo, pois me motivaram para a continuidade do trabalho.

Aos professores do Curso de graduação em História da UEPB, que contribuíram ao longo dos quatro anos por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento e aprimoramento dos meus conhecimentos.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade, pois o companheirismo da turma foi uma grande motivação para continuar o curso.

SUMÁRIO

Resumo	8
Introdução	09
1-AS BENZEDEIRAS/REZADEIRAS E A MEMORIA	10
2-CONHECENDO AS VELHAS BENZEDEIRAS/REZADEIRAS CACIMBENSES	12
2.1Isabel Miranda da Conceição (Vó Zabé).....	12
2.2Isabel Maria da Conceição (Dona Zabé.....	13
2.3Maria das Neves de Oliveira (Dona Nevinha).....	14
2.4Joanice Ferreira de Lima (Dona Totô).	15
3. SABERES DE VELHAS BENZEDEIRAS/REZADEIRAS CACIMBENSES.....	16
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
ABSTRACT	26
REFERÊNCIAS.....	26
APÊNDICE	28

AS VELHAS BENZEDEIRAS/REZADEIRAS CACIMBENSES

JOALISON DE SOUSA COSTA¹**RESUMO**

Trata-se de estudo acerca da tradição presente no cotidiano de cidades interioranas onde se encontra a figura das velhas benzedeadas. O presente trabalho se propõe a analisar a prática da benzeção e os seus efeitos na vida de pessoas que se beneficiam com os resultados dessa técnica que para muitos é dom divino e para tantos apenas uma habilidade. Demonstrar-se-á também, os instrumentos utilizados pelas benzedeadas na execução de suas práticas cotidianas, a repercussão desse costume, bem como a aceitação da comunidade, elucidando, dentre outros aspectos, a experiência e conhecimento das benzedeadas residentes na cidade de Cacimba de Dentro²-PB localizada no Curimataú paraibano, município em que a busca pelos saberes das benzedeadas e rezadeiras é prática recorrente. A construção desse trabalho baseia-se em inúmeras narrativas e vivências. Desta forma, por meio do discurso das entrevistadas encontra-se a possibilidade de registrar uma atividade que faz parte da cultura imaterial e que pode desaparecer em muitos lugares. Outrossim, indispensável se faz as contribuições de autores como Portelli (1997), Le Goff (1990), Bergson (2011), Pesavento (2014) Theotonio (2007) e Oliveira (1985), diálogos que foram essenciais para compreensão da vivência e importância do grupo social das benzedeadas/rezadeiras.

Palavras-chave: Mulheres; Benzedeadas; Rezadeiras; Memória;

¹ Aluno de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: joaliosn.bbs@gmail.com

² Cacimba de Dentro é um município brasileiro no interior do estado da Paraíba, Região Nordeste do país. Está localizado na Região Geográfica Intermediária de João Pessoa e na Região Geográfica Imediata de Guarabira, distante 170 km a noroeste da capital estadual. Disponível em <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-cacimba-de-dentro.html>. Acesso 12/09/2018.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa faz parte do saber de vida das mulheres benzedeiiras/rezadeiras detentoras de um conhecimento que ao longo do tempo foi ganhando espaço no município de Cacimba de Dentro, que não é diferente de tantas outras mulheres detentoras deste saber espalhadas pelo Brasil. O estudo se fez indispensável para que compreenda-se que ser e fazer parte deste sujeito é se inserir e participar de uma memória vivida e ativa, desta forma, nesta escrita se destaca que as velhas benzedeiiras/rezadeiras contém as suas lembranças individuais e mutáveis construídas cotidianamente. Nota-se nas narrativas de aprender, ensinar, rezar, curar dentre outros que as identifiquem, que as práticas apesar de serem semelhantes são individuais pelas características dos saberes peculiares de como foram repassadas ou adquiridas.

Para essa escrita foi necessário discutir as memórias e vivências de mulheres do município de Cacimba de Dentro-PB, por meio da oralidade de quatro velhas benzedeiiras/rezadeiras, sendo essas mulheres naturais da cidade, indicadas por amigos e conhecidos. A cidade a qual delimita-se a pesquisa é denominada como Cacimba de Dentro, situada no Curimataú paraibano localizado a 170 km da Capital, uma cidade pacífica, segundo o IBGE³ 2016 com população 17 mil habitantes, sendo os moradores naturais desta cidade são denominados cacimbenses. Desta forma compreende-se o tema velhas benzedeiiras/rezadeiras cacimbenses, por se tratar de mulheres naturais deste lugar.

Esta temática foi escolhida pelo fato das benzedeiiras/rezadeiras serem populares na cidade, de modo que são procuradas diariamente, tanto as que fizeram parte deste trabalho, como outras que não fizeram, porém foram citadas. Verifica-se que nada se tinha escrito ainda sobre elas e sendo tão conhecidas pelos moradores, a construção deste registro foi necessário, pois algumas já estão em idade avançada e este registro sem dúvida, contribuirá para futuras pesquisas sobre as velhas benzedeiiras /rezadeiras cacimbenses.

O presente trabalho divide-se em três subtítulos, sendo o primeiro intitulado, as benzedeiiras/rezadeiras e a memória, que tratará do conceito de rezadeiras e benzedeiiras, da sua identidade e o que as caracterizam como velhas benzedeiiras/rezadeiras, tendo sua memória como fonte de pesquisa. O segundo, conhecendo as velhas benzedeiiras/rezadeiras cacimbenses, onde se exhibe os sujeitos desta escrita enfatizando as narrativas das mulheres que fizeram parte da pesquisa destacando como aprenderam o ofício. O terceiro, saberes de velhas benzedeiiras/rezadeiras cacimbenses, discorre da relação delas com o sagrado e a relação com a igreja católica, destacando também as diferentes formas de rezas e obtenção da cura.

³ População estimada 2016. IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> . Acesso em 19/11/18.

1. AS BENZEDEIRAS/REZADEIRAS E A MEMÓRIA

Para compreender melhor quem são essas velhas benzedeadas/rezadeiras é de grande importância conceituar esses termos. Segundo Layola (1984, p.94) “A rezadeira é aquela mulher que, em seus rituais usa somente rezas do catolicismo, e caridosa, não roga praga e frequenta a igreja católica, ou seja, limita-se a rezar e fazer cruzeiros na cabeça do cliente”. Com uma descrição mais ampla Quintana-(1999) se posiciona corroborando o trabalho de Souza (2008, p.17) destacando que, a “benzedeadora em sua prática incide num papel de intermediária entre o sagrado e o doente para a obtenção da cura num processo semelhante ao da psicanálise que por intermédio do psicanalista é feito o processo interpretativo da doença ao doente”. Desta feita percebemos que os termos são distintos, sendo que a benzedeadora não se limita só a rezar, mais sim a benzer para a obtenção da cura ou descoberta do que aflige, sendo que quem benze realiza um trabalho dinâmico para desenvolver formas de lidar com as facetas dos sofrimentos existenciais. Para alguns escritores que ao definir rezadeiras apregoam que se assemelha ao termo benzedeadora, sendo comum em muitos documentos definir ambas como o mesmo ofício, assim ratifica Santos (2009, p.12) “As rezadeiras ou benzedeadas são mulheres que realizam as benzeduras, termo que abrange um repertório material e simbólico que pode ser bastante abrangente.” Desse modo, não é possível ter unanimidade sobre as diferenças entre esses dois ofícios, com isso destaca-se que, nesta escrita ambos os termos são usados para indicação das entrevistadas, sendo que elas se afirmam e aceitam os termos benzedeadas/rezadeiras usados no momento das entrevistas . Enfatizo que embora a observação tenha dado ênfase as mulheres que dominam esses saberes, os homens, têm um papel de grande prestígio no processo de transmissão dessa prática. Sendo assim, são considerados também como velhos benzedores.

Para Alessandro Portelli, no trabalho com a história oral;

[...] desejamos ouvir aqueles que não foram ouvidos – as pessoas comuns, os trabalhadores, os pobres e os marginalizados, os homossexuais, os negros, as mulheres, os colonizados. Em nossa área de atuação, a voz de todos esses indivíduos, isolados e obscuros – e, sem exceção, muito especiais –, é igualmente importante e necessária. (PORTELLI, 1997, p.18).

As lembranças através dos depoimentos são sem dúvidas um dos mais valiosos registros que podemos ter para análise, sobretudo aqueles que são classificados como a margem da sociedade, essa mesmo sendo subjetiva é certo que nos revela a cultura de um povo. Para Le Goff (1990, p.477), a memória é um “elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” nesta esteira podemos contar a história usando a memória. É não mais se

resumir a documentos oficiais, textos e produtos da arqueologia, como antes. No entanto, o autor fala dos riscos no que se refere a memória coletiva, sobretudo as pessoas e instituições de poder, destacado que monumentos e documentos, materiais frutos da memória coletiva, não são conjuntos de verdades da história, mas sim símbolos de grupos de forças que operam a evolução do nosso mundo, nesse sentido, não existe um documento que retrate a verdade, o que temos são fragmentos que se juntam para identificação de um fator de identidade, como no caso das benzedeadas/rezadeiras. Ou seja, trabalhar com a memória requer cuidado, tanto quanto trabalhar com documentos oficiais.

Quem são as benzedeadas/rezadeiras de Cacimba de Dentro?

São mulheres de baixa renda que vivem na simplicidade em lugares periféricos. Pessoas que não cobram remuneração e nenhum tipo de lucro pessoal ou coletivo pela realização do ofício. São por grande maioria mulheres de idade avançada, conhecedoras de uma variedade de ervas e plantas medicinais, que segundo seus depoimentos possibilitam a cura de muitas enfermidades. Senhoras devotas de santos católicos e que participam de romarias e peregrinações como forma de agradecimento ao sagrado. Os conhecimentos dessas mulheres foram adquiridos de geração em geração, caracterizando uma tradição oral.

Guiar-se pelas narrativas dessas experientes benzedeadas é permitir-se e fascina-se pelo que há de mais rico entre elas, as lembranças que guardam com detalhes e conhecimentos que para muitos podem ser apenas feitos, mas para elas são história de uma vida. Embora o tempo passe e apareçam sempre inovações, o conhecimento alcançado por essas mulheres continua sendo ativo e de modo direto faz parte do seu dia a dia, lembranças que vêm nos apresentar um importante papel na sociedade, manter viva a identidade dessas velhas mulheres, possibilitando o contato e o ensinamento para as futuras gerações.

A lembrança sem dúvida é o que se tem de mais precioso ao se falar em tradição de um povo e as memórias nos revelam essa riqueza, assim como explicita Bergson (2011, p. 47-48):

A memória... não é uma faculdade de classificar recordações numa gaveta ou de inscrevê-las num registro. Não há registro, não há gavetas, não há aqui, propriamente falando, sequer uma faculdade, pois uma faculdade se exerce de forma intermitente, quando quer ou quando pode [...]. Na verdade, o passado se conserva por si mesmo, automaticamente. Inteiro, sem dúvida, ele nos segue a todo instante: o que sentimos, pensamos, quisermos desde nossa primeira infância está aí, debruçado sobre o presente que a ele irá se juntar, forçando a porta da consciência que gostaria de deixá-la de fora.

O autor nos revela que memória é reviver lembranças que fizeram parte de um determinando momento de nossas vidas, portanto ela é algo duradouro e vivo que se faz presente

sempre que a consciência for acionada. Diante disso, passado e presente andam juntos e a memória é a junção desses dois tempos. Ademais, o modo de vida dessas mulheres, observado nas narrativas, reforça a afirmação de que a velhice no século XXI abrange múltiplas práticas e expressões, e é através dessas memórias e narrativas que a escrita busca compreender as ações realizadas na construção dos saberes das benzedadeiras/rezadeiras.

2. CONHECENDO AS VENHAS BENZEDEIRAS/REZADEIRA CACIMBENSES

O presente estudo se constrói envolto de conversas e entrevista realizadas por quatro mulheres de idade avançada, adeptas à prática da benzenção. De acordo com Oliveira (1985, p.36), este conceito é entendido como “uma prática subalterna frente à medicina moderna que configura o modelo dominante”. Desta forma estas mulheres são símbolos desse modelo na cidade de Cacimba de Dentro.

As mulheres foram indicadas por amigos e colegas, pessoas que foram beneficiadas com a sabedoria delas advinda. As narrativas neste trabalho reveladas foram transcritas através de vídeos e gravação de áudio, sendo a escrita a cópia fiel da fala, outras foram feitas apenas por anotações, ressaltando que todas falas expostas foram com o consenso das entrevistadas.

Desta forma, os principais sujeitos dessa escrita são:

FIGURA 1: Isabel Miranda da Conceição (Vó Zabé)



Fonte: Acervo Pessoal. Foto da pesquisa /2018.

Isabel Miranda da Conceição (Vó zabé), 93 anos, mãe de quatro Filhos, viúva, residente na Rua São José. Atualmente mora com uma filha e dois netos. Filha de pai rezador e mãe parteira, Vó Zabé em conversa, conta que seu pai era rezador, porém, não foi ele que a ensinou, segundo Vó Zabé,⁴“Meu fii, ele falava que num podia insinar a ninguém, ele falava que o incantu quebrava, eu tinha muita vontade, mai aprendi sozinha, vendo uma amiga de mãe só de ouvi ela rezano. Achava bunito!”. (Entrevista, 03/09/2018).

Para situarmo-nos na narrativa de Vó Zabé, citamos as contribuições de Theotonio (2010 ,p.37) que assim expressa “O aspecto do sigilo em relação ao processo de iniciação é uma estratégia utilizada pelas rezadeiras para a manutenção de seus saberes, não é a qualquer pessoa que se ensina, não são todas as rezas passíveis de serem transmitidas.”Esse sigilo fez parte do processo de iniciação desta benzedeira, de modo que seu pai na condição de rezador não transferiu o saber, diferente de outras que serão citadas ao longo desta escrita.

Vó zabé é muito conhecida na comunidade onde reside, fui levado até ela por uma amiga de trabalho que sempre a procura para a execução das rezas. Vó Zabé muito simpática me acolheu, dentre muitas conversas percebi o quanto ela é feliz levando a sua vida de benzedeira. Sempre sentada na sua cadeira de balanço e assistindo às missas pela TV, é nesse espaço que ela reza, benze, aconselha e conta histórias.

FIGURA 2: Isabel Maria da Conceição (Dona Zabé)



Fonte: Acervo Pessoal. Foto da pesquisa /2018

⁴ Apêndice-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.P 28

Isabel Maria da Conceição (Dona Zabé), 89 anos, mãe de 8 filhos, viúva, residente no Conjunto Lúcia Braga. Atualmente mora com dois filhos e dois netos. Aprendeu a benzer com seu pai aos 30 anos de idade. Em conversa, Dona Zabé conta como aprendeu o ofício: “Meu pai dizia que home insina pra mulé e mulé insina pra home, home não pode insina pra home, porque perde as força e a merma coisa e mulé também num pode insinar pra outra...Eu pedi pra meu pai me insina e aprendi rapidin” (Entrevista, 15/09/2018).

Nesse sentido, de acordo com Santos (2009, p.20) “Na prática da reza para curas dos males do corpo e da alma observa-se que normalmente a transmissão do ofício das rezadeiras deve acontecer de forma cruzada: a mulher passa o seu saber para o homem e o homem passa para a mulher”.

Fui levado a Benzedeira Dona Zabé por familiares e colegas, porém eu já a conhecia, pois lembro-me de várias vezes minha mãe recorrer a ela para obtenção de cura dela e dos meus irmãos, sendo eu também por muitas vezes favorecido pelo ato dessa sabedoria. Dona Zabé é conhecida na cidade como uma das mais influentes benzedeiros no município, sendo procurada por quase todos da cidade e indicada por muitos que já passaram por ela, inclusive, indicada por colegas também benzedeiros. Dona Zabé na cidade é símbolo dessa identidade. Fui recepcionado com alegria e simplicidade na sua residência, onde por muitas vezes encontrei a casa cheia de pessoas para serem beneficiadas pelo seu ofício. Ela sempre com o sorriso no rosto e olhar simples, exercia com maestria as diversas orações em silêncio.

FIGURA 3: Maria das Neves de Oliveira (Dona Nevinha).



Fonte: Acervo Pessoal. Foto da pesquisa /2018.

Maria das Neves de Oliveira (Dona Nevinha), 67 anos, mãe de dez filhos, casada, reside na Rua Isabel Moreira de Sousa. Atualmente mora com seu esposo Manuel Nunes de Oliveira. Dona Nevinha conta como se deu o processo de aprendizado “Aprendi com seu Sebastião, eu ainda morava na Figueira⁵, meu pai sabia rezar, mas eu aprendi mermo foi com seu Sebastião⁶, eu tinha meus dezesseis anos na época, de lá pra cá eu venho rezano” (Entrevista, 09/09/2018).

Dona Nevinha foi indicação de um amigo, uma mulher de fé que me chamou atenção pela sua história na zona rural. Toda a sua fala se remetia ao seu lugar de origem (Sítio Filgueira). seguindo o pensamento de Dona Nevinha sempre rememorando o seu lugar onde iniciou a prática desses saberes explicita Theotônio (2010, p.28) “ Na maioria das vezes as rezadeiras se encontram na zona rural e têm forte ligação com a natureza; seja pela profissão (agricultoras), seja pela observação sensível que fazem dos fenômenos naturais (em especial ligados à ocorrência de chuvas e sua relação com o plantio e a colheita).” Essa ligação a qual a autora fala ainda é presente no cotidiano de Dona Nevinha mesmo não morando mais na zona rural. Dona Nevinha recebe as pessoas na sua residência sempre com seu jeito simples e acolhedor, fez questão de tirar foto no seu jardim, no quintal de sua residência, lugar que segundo ela, é cuidado com muito carinho e é deste espaço que são retirados os ramos para o procedimento das rezas.

FIGURA 4: Joalice Ferreira de Lima (Dona Totô)



Fonte: Acervo Pessoal. Foto da pesquisa /2018.

⁵ Zona Rural que faz parte da cidade de Cacimba de Dentro-PB.

⁶ Amigo dos Familiares de Maria das Neves de Oliveira (Dona Nevinha).

Joanice Ferreira de Lima (Dona Totô) 68 anos, mãe de 6 filhos, viúva, residente na Rua Olegário Pereira, atualmente mora com um filho e um neto. Dona Totô, como é cohecida relata a sua história de iniciação de benzeção e rezas:

Desde muito cedo já tive o conhecimento que era médium, minha vó era benzeira, mas eu não queria ser médium não, fui levada pra um rezador médium muito forte, chamado Gilberto Baião, lá eu falei que não queria isso pra mim, e ele falou que eu tinha que escolher, entre ser médium ou fazer caridade, eu escolhi fazer caridade e tive que aprender a rezar com minha avó, desse dia pra cá, eu rezo as pessoas todos os dias, mais a minha mediunidade eu ainda tenho mais é pouquinha (Entrevista, 20/10/2018).

Fui levado até Dona Totô por indicação de um parente. Fui recebido com um largo sorriso, até parecia que ela já me esperava. Uma mulher humilde e que me encantou com sua história, recebe as pessoas na sua residência e como relata, aprendeu o ofício com sua avó, desde cedo. Conta que preferiu ser rezadeira/benzeira e fazer caridade, já que teve a opção de escolher não praticar os trabalhos de mediunidade, mesmo as vezes percebendo-se sensitiva em alguns momentos, a exemplo de quando vai acontecer algo de ruim com a família. Dona Totô fez questão de tirar foto no local onde tem como santuário, lugar que segundo ela se sente protegida e é neste espaço da casa que recebe as pessoas para a prática de seu ofício. Essa mistura de o que foi notado visualmente no momento da visita e o que foi expressado na fala da entrevistada está exposto na escrita de Santos (2007, p.102): “a religiosidade está presente em todo o cotidiano destas mulheres, a começar pelas salas de suas casas, espaços de práticas religiosas onde realizam os rituais de curas, ou seja, locais que costumam receber as pessoas para realizar as curas.

3. SABERES DE VELHAS BENZEIRAS/REZADEIRAS CACIMBENSES

Atribuindo-as a postura e falas, nota-se que cada uma aprendeu de uma maneira o ofício, umas por meio da família, por terceiros e outras acreditam em um dom divino ou efeitos do sobrenatural que para Quintana (1999, p.54) “ Em detrimento daquelas, essas rezadeiras podem conquistar maior reconhecimento por parte da comunidade, ao contrário dos outros, que aprenderam com seus parentes”. Desse modo, denota-se nos diálogos que a “ magia” da benzeção para algumas é de fato algo místico, de modo que o medo de perder a sabedoria dessa prática na hora de ensinar é o que mais chama atenção, a crença de que não se pode ensinar para pessoas do mesmo sexo, ou a que não se pode ensinar de nenhum jeito, é algo individual de cada benzedor, cada um acredita no que foi lhe repassado, a exemplo de Vó Zabé, que por não ter sido ensinada por motivo de quebra de encantamento, passou a acreditar também que se repassar o encanto dela

quebra, “Eu num insino, porque num pode, agora se você ver eu rezano e aprender sozinho aí pode, eu aprendi assim, sozinha vendo os outro, tem pessoa que insina mai eu num posso não” (Entrevista, Vó Zabé, 03/09/2018).

Essa forma de aprender e ensinar contada na escrita de Santos (2007, p59), “O aprendizado e o saber das rezadeiras difere da formação e do saber específico dos padres e demais religiosos com trajetória mas institucional, por exemplo, o aprendizado em seminários religiosos”.

Para Theotonio (2010, p36-37) “algumas rezadeiras mais idosas se dispõem a ensinar outras mulheres que se mostrem interessadas no aprendizado das rezas, nessas ocasiões a mestra revela seu saber, compartilhando valores religiosos e culturais”. Assim as benzedadeiras como Dona Zabé, Dona Nevinha e Dona Totô descrevem que ensinam, porém atualmente não veem interesse das pessoas, acreditam que o conhecimento deve ser repassado, mas que tem que ter fé para acreditar nas forças divinas e mostrar dedicação usando sempre os ensinamentos para a prática do bem, alguns relatos de ensinamento mostram que o conhecimento para elas deve ser repassado; vejamos:

“Insinei ao meu neto, ele num sabe todas não, mai vou ensinando os pouco, ele tem interesse, mai ele foi o único que quis, eu também num mando ninguém aprender, se você quiser aprender eu insino com todo gosto” (Entrevista, Dona Zabé, 15/09/2018).

“Já insinei pra muita gente, tem gente que vem e pergunta se eu insino pra pessoa pude rezar em casa o povo da família, já insinei muito, mai hoje em dia as pessoa num quere sabe muito de reza não, e tem gente que aprendi só veno eu rezanu.” (Entrevista, Dona Nevinha, 09/09/2018).

“Ensinei pra muita gente já, ensino com todo gosto e tem pessoas que aprendem sem eu ensinar, só olhando eu rezo de voz alta, não tenho segredo todas as minhas rezas são para fazer o bem”. (Conversa Dona Totô, dia 20/10/2018).

No momento da conversa com Dona Zabé, foi percebido o quanto falava com felicidade sobre o ensinamento para o neto, o que mostra que ela gostaria que essa prática na sua família não se perdesse. Na fala de Dona Nevinha explicita que a procura por esse ensinamento da benzeção vem se perdendo e que antes a procura era maior, porém, tem pessoas que não pedem para serem ensinadas, mas aprendem sozinhas, essa narrativa é reforçada na escrita de Theotonio (2010, p.4): “Essa diminuição da procura pode ser explicada por uma assistência médica mais acessível, que resolvem os “problemas” com mais rapidez e não é preciso “ocupar” a rezadeira.”

Salienta-se que as benzedadeiras que fizeram parte do trabalho confiam no poder de suas orações e benzimento, assim como aos que as procuram diariamente, isso as fortalecem todos os dias, dando a resistência na permanência de suas rezas, mesmo quando seus corpos já dão sinais de cansaço ou problemas inerentes do envelhecimento.

Ressalta-se que a expressão “velhas benzedoras” a qual se refere a escrita não deve depreendida no sentido de atrasado ou desqualificando os sujeitos que fizeram parte da pesquisa, mas sim, velhas no sentido de experientes nas atividades que realizam, de modo que essas experiências têm muito a nos ensinar, nesse sentido a velhice para elas e para a escrita deste trabalho é um baú de histórias.

A partir de leituras e depoimentos se percebe que as benzedoras ao longo da história, sofreram um processo de estigmatização, destaca-se o período da idade Média onde muitas dessas pessoas de sabedoria popular que usavam de plantas e ervas para auxílio de problemas de saúde eram confundidas com bruxas e feiticeiras conhecedoras de manipulações diabólica, e que sofriam restrições nas suas práticas:

Se analisarmos historicamente as benzedoras e o ofício de benzeção remota-se a Idade Média onde as mulheres que detinham o dom de curar eram perseguidas ou torturadas e lançadas vivas em fogueiras até a morte, pois a Igreja que detinha o poder associava as questões sobrenaturais e a bruxaria. Para essa questão, a solução da Igreja foi criar um Tribunal do Santo Ofício para resolver essas questões, tendo em vista que a benzeção ia contra aos dogmas da Igreja, e portanto, a Deus (OLIVEIRA, 1985, p.21).

Hodiernamente tal prática não existe, porém, as pessoas que se afirmam benzedoras ainda sofrem discriminação e desmerecimento por partes de entidades religiosas, mesmo a maioria se afirmando cristã sofrem desmoralização, assim como sofrem as pessoas que fazem parte de religiões de matriz africana. Araújo (2017, p.19), explicita em seu trabalho que, “as práticas de reza constituem-se, portanto, em uma maneira “não-oficial” de expressão do catolicismo, uma vez que o Concílio Vaticano II dispõe de outro posicionamento e percepção da Instituição Católica sobre a existência do catolicismo popular.”, dessarte, com o catolicismo renovado na década de 60, os cristãos ganharam nova perspectiva de atuação no mundo, dessa maneira as benzedoras são bem aceitas pela religião, porém, se constata a insensatez por parte das igrejas protestantes denominadas popularmente igrejas evangélicas, pois, por não conhecerem as práticas das rezadeiras e benzedoras acabam associando-as a feitiçaria.

Pensando nisso, algumas cidades brasileiras criaram leis no sentido de valorizar essa prática de benzeção destaca-se a cidade de São João do Triunfo (PR)⁷, onde desde fevereiro de 2015 vigora uma lei que reconhece as benzedoras, rezadeiras e curandeiras. A cidade legalizou o acesso e manipulação de ervas medicinais por essas terapeutas, e com isso facilitou o atendimento á população. Leis municipais que abrem precedentes para leis nacionais, que de fato é importante no incentivo a erudição dessas mulheres e também aos saberes no intuito de valorização e respeito mereceu destaque e elucidação.

⁷ Disponível em: <https://noticias.gospelprime.com.br/benzedoras-agora-tem-suas-atividades-reconhecidas-pelo-governo/> Acesso: dia 24/20/2018.

As benzedeadas possuem vínculos com a comunidade, de modo que, hoje em dia procurá-las não é mais por carência de profissionais de saúde como antes, sendo que principalmente na zona rural não existia sistema de saúde acessível para todos, por conseguinte se verifica que embora haja facilitação de casas e unidades de pronto atendimento a saúde, onde prevalece o conhecimento científico nas cidades interioranas do país, o ofício das benzedeadas ainda continua ativo nessas localidades especialmente em Cacimba de Dentro, mesmo com uma diminuição conforme foi enfatizado nas narrativas.

Em relatos, as benzedeadas/rezadeiras contam que todos os dias são procuradas para realizarem atividades como rezas e benzimentos, Dona Zabé, assim expressou “Meu fii, eu parei agora porque parece que Deus sabe a hora de comer, graças a meu Deus aqui num falta genti, e minino piqueno grande, mulé, home...Já hoje rezei mai de dez pessoa, mas nu e bom contar não” (Entrevista, Dona Zabé, 15/09/2018).

A respeito do dia a dia, explicita também Dona Nevinha “Hoje vei uma mulher lá das banda dos conjunto, rezei o menino dela, já vou rezando ele essa semana duas vezes, mai quem chega é bem vindo, num sendo pra faze o mal...” (Entrevista, Dona Nevinha, 09/09/2018).

Sem dúvida, as pessoas que as procuram tem bastante confiança e fé nos trabalhos realizados por elas, percebe-se que durante algumas visitas, ao chegar na casa das benzedeadas, lá já se encontravam pessoas para se benzer e muitas vezes durante as entrevistas e diálogos em algumas casas de benzedeadas a exemplo de Vó Zabé e Dona Zabé, fomos interrompidos por pessoas que vinham em busca de rezas e benzimento, o que confirma a busca constante dessas velhas benzedeadas. Salienta-se que a fama dessas benzedeadas vai além da comunidade e da cidade de modo que são procuradas até mesmo por pessoas de outros municípios. Sendo assim acentua-se o prestígio dessas velhas mulheres na cidade, constituindo-as também como mulheres praticantes da medicina popular, sobretudo para as pessoas de baixa renda, sendo estas as que mais se beneficiam, isto posto é pertinente a escrita de Theotônio (2010, p.36): “É comum as rezadeiras serem procuradas para auxiliar não apenas em favor de acabar com um mal físico ou uma dor latente, mas para ouvir as angústias, tornam-se receptivas aos desabafos das inquietações mais íntimas.”.

Dentre as quatro benzedeadas que fizeram parte do trabalho três contam que não fazem orações e benzimentos depois que o sol se põe, pois foi assim que foram ensinadas, com ressalva de Vó Zabé que já abriu exceção para uma criança que sentia forte dor de dente. Apenas Dona Totô recebe pessoas para rezar durante a noite e diz que não tem hora pra rezar, as outras não rezam, pois, segundo elas depois que o sol se põe é hora de descansar, e também as forças do dia não são as mesmas durante a noite, para corroborar com a narrativa da benzedeadas expõem-se as

contribuições de Theotônio (2010, p.38): “Uma recomendação é quanto ao horário em que são realizadas as rezas, D. Bernadete diz que não se pode ensinar nada de noite, muito menos as rezas. Não se reza depois do pôr do sol, porque o sol vai se pondo aí se você vem se curar, aí o sol vai levando a reza e num serve mais.”

Assim como a maioria das praticantes, as benzedeiiras/rezadeiras Cacimbenses são procuradas para cura de diversos tipos de males, dentre eles, destaco os principais que foram citados em conversas, quais sejam espinhela caída, segundo Santos(2007, p.83) “É uma doença que a pessoa adquire por esforço físico excessivo”. Desta diapasão, de acordo com algumas benzedeiiras estudadas por Santos (2007, p.83) “Esse mal é causado por algumas tarefas domésticas, sendo um nervinho localizado no tórax, que se rompe quando o indivíduo faz esforço em demasia.”,o mal bastante procurado para curar é o mau-olhado, também chamado de olhado, que é uma “Doença que vai debilitando o indivíduo aos poucos, até leva-lo a morte, a pessoa só é curado se procurar alguém que reze de acordo com a concepção das rezadeiras, portanto, enfatizam que o médico não ajuda ou soluciona esse mal” (SANTOS, 2007, p.79). As dores de dentes também fazem parte das doenças para as quais são procuradas com mais frequências para reza.

Para todas que fizeram parte dessa escrita, para cada tipo de doença existe uma oração diferente, porém a oração do pai nosso é sagrada, de modo que está presente em todos os benzimentos, o que ressalta a religiosidade e a adequação ao sagrado, e que pode ser anunciada também pela parte interna da casa, pois o ambiente e cômodos revelam a fé católica, sendo cristãs, constando comumente nas paredes imagens de santos católicos, flores e fitas. Em muitas narrativas a figura de Frei Damião e Padre é recorrente. Todos são símbolos de religiosidade e ensinamento de práticas que caracterizam os seus saberes, Segundo Theotônio (2010, p.106) “os santos são canais para essa aproximação com o sagrado, intermediários, intercessores, parecem estar mais próximos da condição humana assim, a devoção ganha contornos de amizade, gratidão e conforto.”. A aproximação delas com Frei Damião é expressada na narrativa da benzedeira Vó Zabé:

Já fui muito pras romarias de Frei Damião, uma vez eu não esqueço, o povo tava tudo tussindo, ele olhou pra um lado e olhou pra outro e falo, tomem chá de angico branco meu povo, desse dia pra cá, desse jeito eu digo quando eu vejo uma pessoa tussindo, aqui em casa mermo eles já sabem...(Entrevista, Vó Zabé, 03/09/2018).

Neste sentido destaca, o trabalho de Theotônio (2010, p.24):

Nas curas é comum as rezadeiras recorrerem aos santos de devoção oficial ou popular. Recorrer aos poderes curativos dos santos com o intuito de promover a saúde é uma herança do catolicismo difundido no Brasil durante o período colonial. Os santos representavam uma mediação entre homens e Deus; estão mais próximos da humanidade por mostrarem-se como exemplos de virtudes, defensores da fé e imitadores dos ensinamentos de Jesus Cristo.

Por conseguinte, a maioria dessas mulheres são devotas de santos e com frequência vão a missa, hoje algumas delas não frequentam por problemas de saúde, porém a missa é acompanhada pelos programas de rádios ou TVs. As novenas e terços são práticas presentes no cotidiano dessas mulheres nos meses de Maio e de Junho, período em que a comunidade se reúne para acompanhar o calendário eclesial. O catolicismo é notado também na eloquência das rezas, fui surpreendido por Dona Totô que faz questão que todos escutem ela rezando, sem que eu peça para ela me ensinar, foi na cozinha desligou a panela de pressão (para que o ruído da panela não atrapalhasse) e em seguida voltou pedindo para eu prestar atenção, o que mostra o quanto ela se sente bem em repassar essa tradição, nesse sentido corrobora Theotônio (2010, p. 103) “A prática da reza é composta pelas orações oficiais da Igreja Católica, seguidas pelas fórmulas de rezas específicas para cada enfermidade [...] o início é sempre com o Pelo Sinal, seguido pelo Credo e o Pai-Nosso, mas durante a reza, cada rezadeira tem sua maneira de organizar as etapas da oração.”.

Destaca-se algumas das orações usadas pelas benzedeiras/rezadeiras:

Reza para mau-olhado:

Deus te gerou, Deus te criou, olhado quebranto em cima de quem te botou, com dois te botaram, com três eu tiro, com o poder de Deus pai, deus filho e Espírito Santo. Deus quando andou no mundo andou te curando, curava o que? Curava olhado, quebranto, inveja, mau-olho, mau-olhado, pizila quebranto e o peso da má vontade. Meu bom Jesus do Bomfim, graças te peço senhor na hora em que precisar, vem meu bom senhor do Bomfim, para (Nome da pessoa que quer a reza) cura, curar de que? Curar olhado, quebranto, inveja, mau-olho, mau-olhado, pizila quebranto e o peso da má vontade. Três Pai nosso e Três ave Maria e uma Salve Rainha (Entrevista, Dona Totô, 20/10/2018).

Reza para dor de dente:

Deus quando andou no mundo, ele andou curando, curava o que? Dor de dente, dor de pontada, dor de chuchada, dor do osso na carne no sague na veia ele curava, curava com o que? Com o poder de Deus pai, Deus Filho e Espírito Santo, meu bom Jesus do Bomfim eu peço na hora que eu precisar vem meu Senhor me curar, eu peço que essa dor de dente de (Nome da pessoa) que dói no osso da carne no sague na veia, com o poder de Deus pai Deus Filho e Espírito Santo venha curar. Três Pai nosso e Três Ave Maria e uma Salve Rainha (entrevista, Dona Totô, 20/10/2018).

Conforme Theotônio (2010, p.40) “As rezadeiras conhecem uma grande variedade de rezas destinadas a essas doenças, no entanto nem todas são atualmente vivenciadas.”. Com estas orações de Dona Totô e outras narrativas, percebe-se que elas estão sempre conectadas ao divino (Deus) diariamente. Essa mistura de saberes empíricos e dedicação ao sagrado faz com que essas mulheres sejam apresentadas para comunidade como indivíduos que inspiram amor, confiança, sempre disponíveis a ouvir e aconselhar. Essa junção de benzedeira/rezadeiras e o catolicismo está

presente na escrita de Theotônio (2010), ao citar o padre Germano Silva que exerceu a função de reitor do seminário Santa Teresinha, localizado no município de Aréia-PB:

As mulheres rezadeiras são pessoas simples que expressam sua fé, assim a reza passa pela dimensão do exercício da religiosidade popular. Elas têm uma relação com a Igreja, pois estão em comunhão com o padre assim não pode haver uma separação com a Igreja Católica (THEOTONIO, 2010, p.94).

Theotônio, cita o padre Germano Silva, que exerceu a função de reitor do seminário Santa Teresinha, localizado no município de Areia-PB, que ao falar afirma que as rezas são formas de expressarem sua fé, de modo que estão em constante diálogo com a igreja, sendo transmissoras de uma religiosidade popular voltada ao catolicismo. Uma das velhas benzedoras de Cacimba de Dentro conta que o respeito e confiança fizeram com que um Padre pedisse para ser benzido, discorre Vó zabé, “Padi Pedro na época meu fii, chegou aqui em casa pra comer, de vez em quando ele aparecia com minha menina, minha menina era moça e fazia parte dos grupos, chego falano que num tava se sentindo muito bem, mandou eu rezar e eu rezei, ele sentou e eu comecei a rezar, o padi tava com ulhado era de mulé.” (Entrevista, Vó Zabé 03-09-2018).

A fala era expressada com um olhar de satisfação por ter merecido a confiança de um padre, o que confirma a aceitação por parte da igreja católica sobre essas mulheres e esses saberes.

Dona Totô conta que ano passado procurou o Padre Manuel, atual sacerdote da cidade, para saber se a sua prática era pecado perante a igreja, como resposta ela ouviu que não era pecado, porque era um dom divino, e deve ser praticado para o bem e a caridade. Ela contava a história com muito carinho, pois é uma católica praticante e temia está fazendo algo errado. De acordo com ela essa pergunta sempre faz quando um novo padre chega na cidade e as respostas sempre são semelhantes, agir na prática do bem.

Ressalta-se na escrita alguns objetos usados no ato do benzimento, os variados componentes que envolvem o misticismo e que não são característicos de uma benzedora, mas sim de várias, podendo variar de acordo com a forma de como elas aprenderam ou de acordo com o que acreditam ser a melhor forma de se chegar ao resultado esperado.

Partindo dessa pluralidade de ritos, nota-se que além de muitas características simbólicas que individualizam a identidade da benzedora/rezadeiras, o que as entrevistadas têm em comum além de tantas outras coisas, é o ramo como instrumento de reza mais frequente no seu dia a dia: “O ramo é uma referência às plantas que são usadas como uma espécie de pequeno ramallete, composta de três galhos, que é passado sobre aquele que é rezado, durante a reza, pelas mãos da rezadeira.” (THEOTONIO, 2010, p.35)

Nesse sentido, entende-se que o ramo é para elas a ligação entre o sagrado e o benzedor, de modo que o diagnóstico da doença é notado no fim das orações, se o ramo está murcho, definhado, é sinal que a pessoa está com mau-olhado. A recomendação das entrevistadas quanto a quantidade dos ramos, é o uso de três, esse número remete a uma simbologia do universo cristão, rememorando a santíssima trindade, a cerca disso, comenta Pesavento (2004, p.41) “As apresentações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexões”.

Como representações do ritual utilizam-se também chaves, linhas de costura, vassouras (quando se reza animais) dentre outros objetos e símbolos representados como ligação do misticismo popular. Ressalta-se que das entrevistadas apenas Dona Zabé já rezou e reza animais quando é solicitada, relatando que é muito procurada quando os animais estão doentes. Dona Zabé explicita, “Animal eu rezo com o ramo não, eu pego uma vassoura de paiá ou então de mato e vou fazendo a oração e passano nas costa do animal, se o animal tiver caído no outro dia ele levanta.” (Entrevista, Dona Zabé, 15/09/2018).

Na fala da benzedeira Dona Zabé nota-se o quanto ela é confiante no poder da sua oração, relatando vários casos com satisfação, várias histórias durante os seus mais de 60 anos de benzedeira. As outras benzedeiros e rezadeiras que fazem parte do trabalho não rezam animais, contam que quando procuradas elas falam que não podem, porém, sempre orientam os donos dos animais nos cuidados e usos de chás e simpatias para a cura de algumas doenças, como por exemplo a bicheira, uma ferida causada por larvas da mosca varejeira que pode levar o animal a morte se não for tratado.

Segundo as entrevistadas outra cura bastante procurada é para a quebra-dura, trata-se de um deslocamento ou fratura numa parte qualquer do corpo, segundo elas, benze-se cosendo/costurando com uma agulha e um novelo de linha, na hora do ato os benzedores fazem perguntas ao resignado como explica a Benzedeira Dona Zabé na simulação de uma reza de quebra-dura: “ que é que eu benzo? Resposta: carne quebrada, nervo rendido, osso partido. Reproduzem tudo três vezes”. A benzedeira é procurada em sua residência e também é levada até o interessado, pois em muitos casos a pessoa não pode sair de casa quando a fratura é na perna ,por exemplo, segundo Theotonio (2010, p.49) “Enquanto a “costura” é feita mantêm-se o diálogo entre a rezadeira e aquele que é rezado, demonstra-se assim uma proximidade maior entre esses dois sujeitos. ”

As velhas benzedeiros de Cacimba de Dentro também utilizam-se de fotos e imagens como forma da cura chegando a pessoa desejada. Todas que fizeram parte da construção desse escrito contam que é comum chegar familiares pedindo rezas para parentes que estão doentes em outras

idades, elas contam que o fato da pessoa não estar presente fisicamente não impede que ela seja curada,, pois, o que importa é a fé. Ambas contam que o que é importante na hora da reza é o nome da pessoa, e pude perceber que essa era a primeira pergunta na hora de começar os benzimentos e as rezas.

Em todas as casas que visitei, fui benzido/rezado, notei que algumas costumam rezar em voz alta outras em voz baixa. Em todas as benzedeadas fui diagnosticado com olhado Vó Zabé discorreu, “Tem muitas pessoas que tem inveja de você, e tem muitas também que está colocando mau-olhado lhe achando bonito, tem homem e também tem mulher...”, com sorriso ela dava o diagnóstico, e ainda explicou sobre o olhado de homem e mulher, dizendo que, quando o olhado é de homem, na hora da oração ela costuma abrir a boca muito na oração do Pai nosso e quando é olhado de mulher se abre muito a boca na oração da Ave Maria. Esse abrir de boca é uma reação que a maioria das benzedeadas tem depois da ação, também verifica-se na entrevista com Dona Zabé, que já chegou até a vomitar e sentir tonturas, a depender de como está o sujeito que se benze. Dona Totô relata que quando benze uma pessoa a doença passa para ela, por isso no caso dela em específico as reações são maiores e constantes, porém, ela fala que as reações ficam no seu corpo por uns instantes, chegaa a noite todo o mal vai embora e no dia seguinte já está preparada para novas orações e benzimento.

As benzedeadas da pesquisa têm como base o conceito de que deve-se dar de graça o que de graça se recebe, que é o dom divino da cura. Porém é comum essas mulheres receberem agradados, oferendas e doações tais como gêneros alimentícios, como forma de agradecimento e gratidão pela ação do bem que elas fazem. Essas doações de livre e espontânea vontade são bem-vindas, sendo elas limitadas apenas ao salário de aposentadoria, as doações são auxílios para o sustento dessas mulheres. Em dialogo, elas discorrem:

Eu num cobru, nunca cobreí fui insinada a fazer só o bem, e o que eu recebo de agrado e pra dividir com os meus fii,um dia chegou um pai pra eu rezar uma fia que morava in São Paulo, eu nunca que esperava, o pai veio cum bem um mêi me agradeceno pela reza e a fia tinha mandado duzentos reais pra mim, eu não aceitei não, o home saiu e voltou com uma feira...Aceitei de coração (Entrevista, Dona Zabé, 15/09/2018).

Eu ganho muitas coisas, feijão-verde, milho, fava... tudo eu recebo, agora pra cobrar eu num faço isso não, Se eu cobrar as forças se acaba e as pessoas dão o que o coração manda, só em eu ver a pessoa curada eu já fico feliz, não tem pagamento melhor que esse. (Entrevista, Dona Nevinha, 09/09/2018).

Graças a Deus eu tó com essa idade todinha, mas nunca fiz isso, a pessoa que benze com a fé de Deus num pode tá cobranço não, o pagamento maior que Deus pode dá pra gente é a nossa saúde pra gente continuar o trabalho ajudando o povo. E graças a Deus aqui em casa num falta nada... (Entrevista, Vó Zabé, 03/09/2018).

A minha missão é fazer caridade, não posso cobrar aquilo que foi me dado de graça, minha reza não tem cor nem condição, quem chega aqui em casa eu rezo pode ser a hora

que for, e as doações que eu recebo é para ajudar aos que precisam mais que eu (Entrevista, Dona Totô, 20-10-2018).

Destarte, ao longo dessas narrativas expostas pelas velhas benzedeiros/rezadeiras cacimbenses, nota-se que elas de fato vivem para o seu ofício, fazem o que gostam e se sentem bem em praticar a caridade, pois para elas em uma visão cristã de mundo a oração é uma das principais formas de desenvolvimento e auxílio para a cura das enfermidades, e que deve ser realizada sem cobrar nada. Perguntadas se elas gostam de ser benzedeiros/rezadeiras ou se gostariam de não fazer parte desde meio, as refutações foram unânimes gostam e não se enxergam fazendo outra coisa na velhice que não seja prática do bem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o presente trabalho contribui a disseminar as vivências das benzeiras/rezadeiras da cidade de Cacimba de Dentro-PB para outros olhares, enfatizando a importância desses saberes com base em depoimentos de vivências dessas velhas mulheres. Adentrar no espaço no qual vivem essas mulheres acarreta lembranças bastantes significativas, sendo o ambiente envolto dos dogmas do místico, daquilo que não se consegue mensurar em termos.

A pesquisa deu voz a mulheres e reconhecimento de suas práticas e dos saberes tradicionais. A partir desta escrita elas são vistas como representantes do patrimônio imaterial de Cacimba de Dentro, sendo justo e necessário para evidenciar a existência dessa prática enraizada na cultura desta cidade. A experiência de ouvir, analisar e participar de momentos de benzeção, leva a indispensabilidade do estudo dos sujeitos que envolvidos num contexto histórico-social-religioso transforma a sociedade com seus saberes populares.

Destarte, neste trabalho se esclarece a necessidade de se preservar a memória, sendo esta de grande importância para a consciência da identificação de um determinado grupo, de modo que se constitui através da vivência, do dia a dia, ou seja, por meio do cotidiano das pessoas que habitam em sociedade, pois o cotidiano só é possível no convívio social e a memória, ainda que vista como conteúdo individual, necessita ser coletiva e estendida para a garantia de sua preservação, por consequência, os saberes das velhas benzedeiros/rezadeiras cacimbenses serão preservadas por meio deste escrito construídos pelas praticantes dos saberes.

ABSTRACT

THE OLD BENZEDEIRAS / REZADEIRAS CACIMBENSES

It is a study about the tradition present in the daily life of inner cities where there is the figure of the old benzedeiros. The present work proposes to analyze the practice of blessing and its effects on the lives of people who benefit from the results of this technique that for many is divine gift and for so many only one skill. It will also demonstrate the instruments used by the benzedeiros in the execution of their daily practices, the repercussion of this custom, as well as the acceptance of the community, elucidating, among other aspects, the experience and knowledge of the benzedeiros being limited in the city of Cacimba de Dentro -PB located in Curimataú Paraibano, a municipality in which the search for the knowledge of the healers and mourners are present. The construction of this work is based on innumerable narratives and experiences. In this way, through the orality of the interviewees is the possibility of registering an activity that is part of the intangible culture and that can disappear in many places. The contributions of authors such as Portelli (1997), Le Goff (1990), Bergson (2011), Pesavento (2014) and Oliveira (1985), dialogues that were essential for understanding the experience and importance of the social group of the benzedeiros / rezadeiras.

Keywords: Women; Mouthwashes; Rezadeiras; Memory.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rafael Nóbrega. **Nas artes e práticas de rezadeira:** história de vida e memória em diálogos interculturais no ensino de História. TCC-Graduação em História –UEPB, 2017.

BERGSON, Henri. **Memória e vida.** 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora.1994.

LOYOLA, Maria A. **Médicos e Curandeiros:** Conflito social e saúde. São Paulo: Difel,.1994.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benzeção.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História & História Cultural.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida. As funções do tempo na História Oral”. In: FENELON, Déa Ribeiro et. al. (orgs). **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho d’água, 2014.

QUINTANA, Alberto M. **A ciência da Benzedura**: mau olhado, simpatia e uma pitada de psicanálise. São Paulo: EDUSC, 1999.

SANTOS, Francimário Vito dos. “O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar”. **Revista CPC**. São Paulo: 2007

SANTOS, Francimário Vito dos. **O ofício das rezadeiras**: Um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre rezadeiras de Cruzeta. Editora: Cirkula. Rio Grande do Norte: 2007.

SOUZA, Maria Cristiane Pereira. **A palavra e o lugar da cura**: história oral. Porto Velho: 2008.

THEOTONIO Andrea C. Rodrigues. **Entre ramos de poder**: rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia – PB. Dissertação Pós-Graduação em História-UFCG,2010.

ENTREVISTAS:

ISABEL MARIA DA CONCEIÇÃO (Dona Zabé).89 anos (Entrevista, 15/09/2018).

ISABEL MIRANDA DA CONCEIÇÃO (Vó Zabé).93 anos (Entrevista, 03/09/2018)

JOANICE FERREIRA DE LIMA (Dona Totô).68 anos (Entrevista, 20/10/2018).

MARIA DAS NEVES. DE OLIVEIRA (Dona Nevinha) .67 anos (Entrevista, 09/09/2018).

OUTRAS FONTES:

Notícias gospel. Disponível em: <https://noticias.gospelprime.com.br/benzedoras-agora-tem-suas-atividades-reconhecidas-pelo-governo/> Acesso:24/20/2018.

A nova História. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-nova-historia-cultural/27489/> acesso:24/10/2018.

Leis-ajudam-a-combater-o-preconceito-contra-as-benzedoras
<https://educzimbra.wordpress.com/2016/04/11/leis-ajudam-a-combater-o-preconceito-contra-as-benzedoras/UNICAMP,1990>. Acesso em 03/09/2018.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____

RG: _____, participei como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável aluno(a) de graduação Joalison de Sousa Costa, do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, que pode ser contatado pelo e-mail joalison.bbs@gmail.com. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com as benzedeadas/rezadeiras da cidade de Cacimba de Dentro, visando, por parte do referido aluno a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado: "AS VELHAS BENZEDEIRAS/REZADEIRAS CACIMBENSES". Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, sendo assim autorizo usar a transcrição da entrevista, anotações e imagens para a elaboração deste trabalho.

Assinatura da entrevistada

Cacimba de Dentro-PB, ____ de _____ de 2018